ROBERTO STUCKERT FILHO/PR

Brics: a força dos emergentes

O crescimento da economia de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul está alterando o cenário econômico global

Se você somar energia, matérias-primas, alimentos, parques industriais e populações crescentes para trabalhar e consumir, terá um horizonte promissor para a expansão da economia. Essa é uma soma de parâmetros que está na origem da palavra **Bric** (sigla que é um acrônimo com as primeiras letras de Brasil, Rússia, Índia e China). Ela foi criada em 2001 pelo economista britânico Jim O'Neill, do Banco Goldman Sachs. Ao estudar o crescimento das economias emergentes no mundo, o autor concluiu que essas se destacavam e projetou sua ascensão como protagonistas da nova economia globalizada. Essa formulação se tornou baliza de estudos econômicos – as notícias sobre o grupo Bric passaram a ser constantes na imprensa e, também, em questões de vestibulares.

Com base em projeções de crescimento demográfico e das economias, O'Neill especulou que, somados, os países do Bric poderão representar em 2050 uma força econômica no mundo maior do que a força conjunta dos Estados Unidos com o Japão e a União Europeia. Para ele, em 2050 a China poderá ser a maior economia, seguida pelos Estados Unidos, caso mantenham seu ritmo de crescimento nas próximas quatro décadas. Se persistirem as atuais tendências, a Índia poderia subir para a terceira posição, com o Japão em quarto lugar e o Brasil em quinto, seguidos pela Rússia.

SOMOS CINCO!
Líderes dos países integrantes dos Brics em reunião na China, em 2011, que marcou a entrada da África do Sul

As avaliações de O'Neill são, sobretudo, hipóteses para orientar os investimentos de seu banco. Mas, passados dez anos, sua previsão teve boa dose de acerto: a China ascendeu da sexta para a segunda maior economia mundial em 2010, e, nessa década, o Brasil subiu da nona posição para a sétima (*veja o gráfico na pág. 114*).

Nessa questão, é importante ter em mente, porém, que, no atual período de globalização, os capitais são internacionalizados, e boa parte da produção econômica dos Brics é realizada por empresas multinacionais. Há forte interdependência entre todos os atores econômicos, e o desempenho de cada um depende, em última instância, do que acontece com a economia mundial.

Consumo interno

Em larga medida, a força dos Brics provém da enorme fatia da população que hoje compõem o grupo. Neles, vivem quase 3 bilhões de habitantes, o equivalente a 40% da humanidade. A aposta dos economistas é que nos cinco países emergentes continuará a ocorrer a inclusão de milhões de pessoas a patamares mais elevados de renda familiar e, consequentemente, haverá maior consumo de bens e serviços. Entre as camadas mais pobres, o gasto com comida, roupa e transporte consome a maior parte da renda. Assim, o aumento da renda passa a permitir às famílias gastos maiores com educação, lazer e a compra de bens no padrão da classe média, um conceito genérico que se refere às famílias com um padrão médio de renda e consumo.

Na China e na Índia, principalmente, o crescimento econômico é acelerado nos últimos anos, e milhões de pessoas antes excluídas do mercado de consumo de bens industrializados passaram a obter emprego e a adquirir bens e serviços. No Brasil, esse processo está ocorrendo com a estabilização e o crescimento da economia e o combate à pobreza. Na Rússia, isso se dá com a criação de um mercado de consumo em moldes capitalistas, após o fim do regime comunista.

Ao contrário de países europeus, em que a população está estabilizada ou chega a diminuir (caso da Rússia), no Brasil, na China, Índia e África do Sul, o crescimento demográfico continuará garantindo, por anos, uma população economicamente ativa superior à de aposentados, o que é importante tanto para a produção de bens e serviços para exportar quanto para consumir em mercados internos.

Além de populações que se tornam um mercado interno crescente, os Brics compartilham outras características: estão entre os maiores em área territorial em seu continente, exceto a África do Sul (a área dos outros quatro reúne um quarto das terras do mundo), e possuem parques industriais amplos, com potencial para crescer em volume de produção e tecnologia. Veja outras características importantes de cada um deles:

> *Os cinco países que formam os Brics somam 40% de toda a população mundial*

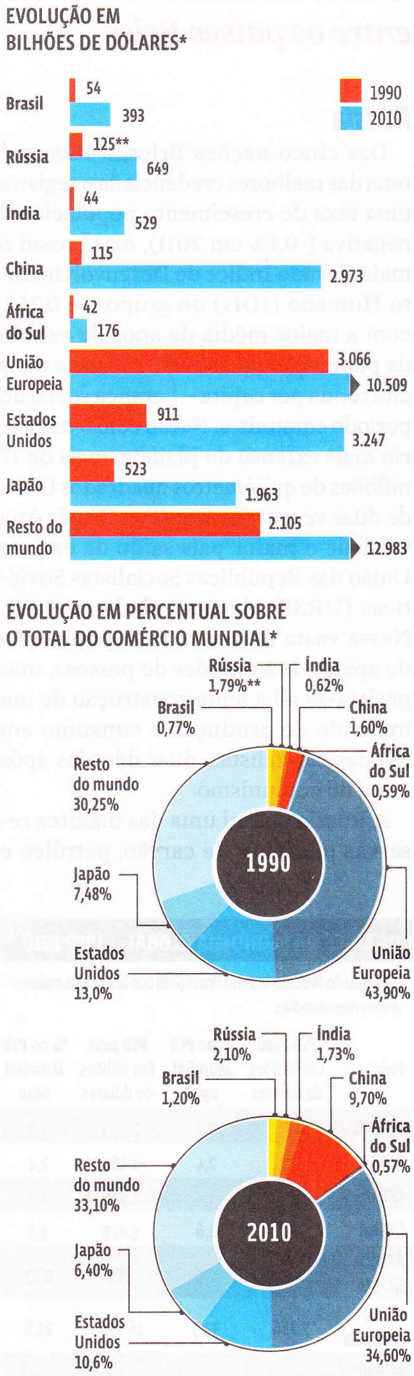
Brasil

O Brasil está ampliando seu mercado interno, conseguindo bons resultados no combate à pobreza. A economia do país, que ficou paralisada durante a década de 1980, foi estabilizada após o fim da hiperinflação, nos anos 1990, e, a partir da década passada, apresenta bom ritmo de crescimento. Segundo estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), de 2003 a 2009, mais de 29 milhões de brasileiros subiram para a classe C, com renda familiar entre 1.126 e 4.854 reais (valores atualizados para 2010). Com isso, a classe C tornou-se a maior do país, com 94,9 milhões de brasileiros, enquanto as classes mais pobres, E e D, com renda de até 705 reais e até 1.126 reais, respectivamente, estão diminuindo. Nesse período, a renda familiar média cresceu 7,7%, e o consumo interno ajudou o país a atravessar a crise econômica mundial, pois garantiu as vendas no comércio e a produção da indústria, apesar de ter havido queda nas exportações. O estudo da FGV é feito com base em dados coletados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No cenário econômico internacional, o Brasil deverá consolidar sua liderança como fornecedor de commodities, que são os produtos agrícolas e minerais, primários ou semimanufaturados, negociados em bolsas de mercadorias internacionais. Grande fornecedor mundial de alimentos e com a maior reserva de água doce, o Brasil é o principal exportador global de carne bovina, do complexo soja (grão, óleo e farelo), café, açúcar e suco de laranja, entre outros produtos. É um dos mais importantes exportadores mundiais de carne suína e de aves, entre outros alimentos, e o segundo maior produtor de álcool combustível (etanol) de cana-de-açúcar. Apenas a produção atual de soja e de carne bovina do Brasil seria suficiente para suprir 40% da demanda global. É o maior exportador mundial de minério de ferro e um dos maiores de alumínio, entre outros minérios importantes. Além disso, o país tem uma matriz energética equilibrada e autonomia em petróleo.

ASCENSÃO NO COMÉRCIO MUNDIAL

O total de comércio de cada país dos Brics e das maiores economias mundiais *



GANHANDO TERRENO *Os gráficos mostram a participação dos Brics e das maiores economias no comércio internacional, em dinheiro e em percentual. Note que, enquanto os valores do comércio da União Europeia e dos EUA cresceram cerca de 3,5 vezes, o do Brasil cresceu 7 vezes e o da China, 25 vezes.*

(*) Os totais em dólares e em percentuais incluem as importações e exportações de mercadorias e não incluem as de serviços
(**) Dados da ex-URSS

Fonte: *OMC*

A Rússia possui os melhores indicadores de desenvolvimento humano entre os países Brics

Rússia

Das cinco nações Brics, a Rússia é uma das melhores credenciadas: registra uma taxa de crescimento populacional negativa (-0,1% em 2011), mas possui o mais elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do grupo, de 0,755, com a maior média de anos de estudo da população (quase dez anos) e a mais alta renda per capita – herança social do período comunista. Nação com o território mais extenso do planeta, mais de 17 milhões de quilômetros quadrados (mais de duas vezes o do Brasil), a Rússia é na verdade o maior país saído da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), desmantelada em 1991. Nessa vasta área vive uma população de apenas 142 milhões de pessoas, mas projeta-se ali a lenta construção de um mercado de produção e consumo em moldes capitalistas, duas décadas após o fim do comunismo.

A Rússia possui uma das maiores reservas mundiais de carvão, petróleo e gás, e nas próximas décadas o país deve manter a posição de principal fornecedor de energia à União Europeia. Tem ainda vasto parque industrial, que inclui a fabricação dos bens de capital – as máquinas para a produção industrial –, e, principalmente, tradição em pesquisa e tecnologia. A Rússia conta com o quarto Produto Interno Bruto (PIB) dos Brics – 1,5 trilhão de dólares em 2010. Foi fortemente atingida pela crise econômica mundial – sobretudo em razão da redução das importações da Europa Ocidental –, com uma queda do PIB de 7,9% em 2009, mas apresentou um crescimento de 4% em 2010.

China e Índia

Dois países com vasto território, população de mais de 1 bilhão de pessoas, enorme necessidade de geração de emprego e enormes desafios pela frente para conseguir fontes de energia, matérias-primas e alimentos, educação e proteger o meio ambiente, China e Índia viraram as estrelas da globalização, pois atraíram as grandes corporações, interessadas em farta mão de obra barata para produzir manufaturados a baixo custo. A China, apesar de ser uma nação comunista, desde o fim da década de 1970 abriu zonas econômicas especiais (ZEEs), nas quais mantém políticas capitalistas, principalmente de baixos impostos, para atrair multinacionais. A Índia liberalizou sua economia nos anos 1990 e se tornou um dos principais polos mundiais em telecomunicações e informática. Nas duas últimas décadas, a economia dos dois países cresceu a altas taxas percentuais anuais. Os dois investem na qualificação de sua mão de obra e em educação. A China forma mais de 5 milhões de novos universitários anualmente, sendo 75 mil nas áreas de engenharia e ciências da computação. A Índia forma por ano mais de 3 milhões de jovens no ensino superior.

A distribuição da renda, que era péssima, continua ruim – e melhora lentamente nos dois países. Na China, a parcela da população que vive abaixo da linha internacional de pobreza (renda média diária menor que 1,25 dólar) diminuiu de 28,4% em 1994 para 15,9% em 2005 (209 milhões de chineses), último dado divulgado pelo Banco Mundial. Na Índia, essa melhora é mais lenta: de 1994 para 2005, a parcela dos pobres baixou de 49,4% para 41,6% (459 milhões de indianos). Quando se observa a renda per capita diária inferior a 2 dólares, em 2005, havia 477 milhões de chineses e 834 milhões de indianos.

OS BRICS NA ECONOMIA GLOBAL › 1990-2010

Evolução do Produto Interno Bruto (PIB) dos Brics e das maiores economias mundiais

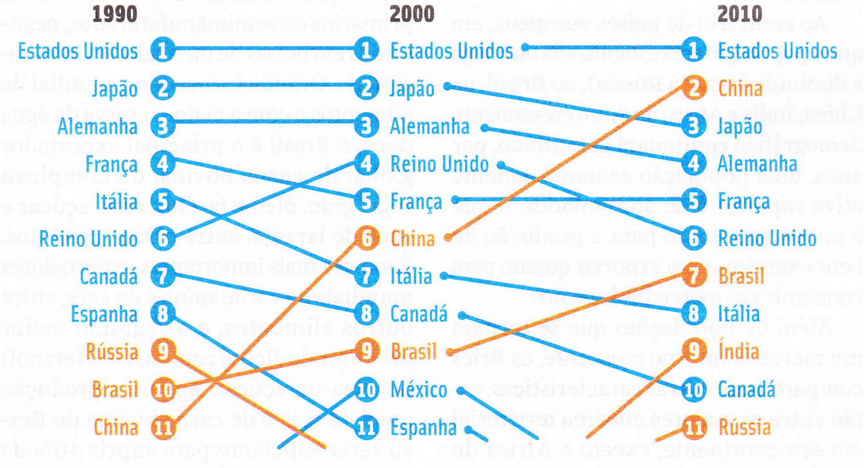
País	PIB 1990 Em bilhões de dólares	% no PIB Mundial 1990	PIB 2010 Em bilhões de dólares	% no PIB Mundial 2010
BRASIL	462	2,1	2.088	3,3
RÚSSIA	517	2,4	1.480	2,4
ÍNDIA	317	1,4	1.729	2,7
CHINA	357	1,6	5.879	9,3
ÁFRICA DO SUL	112	0,5	364	0.57
União Europeia	7.286	33,3	16.250	25,8
Estados Unidos	5.751	26,3	14.582	23,1
Japão	3.058	14,0	5.498	8,7
Mundo	21.899	-	63.049	-

PIB EM CRESCIMENTO *Observe que em 20 anos todas as economias listadas cresceram e que o PIB mundial triplicou. A participação dos países dos Brics no PIB mundial cresceu ou ficou estável (no caso da Rússia), mas diminuiu o peso dos Estados Unidos, do Japão e da União Europeia somados.*

Fonte: *Banco Mundial*

SOBE E DESCE ENTRE AS GRANDES ECONOMIAS

Evolução recente dos países com o maior Produto Interno Bruto (PIB)



ASCENSÃO RÁPIDA *Na última década, acelerou o ritmo de crescimento da economia dos países dos Brics, que ganharam posições entre as maiores economias. O ranking é feito com o valor bruto da economia de cada país em dólares. Note que a economia russa, que despencou após o fim da URSS (não aparece na lista de 2000), se recuperou e volta a aparecer. A China, por sua vez, fez uma escalada rápida nas últimas décadas, quando manteve crescimento médio anual de 9%. Brasil e Índia vêm crescendo, e a África do Sul, a maior economia africana, ainda não está entre as maiores do mundo.*

Fonte: *Banco Mundial*

A entrada da África do Sul

Com o reconhecimento crescente de sua importância, os Brics uniram-se e formaram um grupo diplomático de discussão e iniciativas comuns em economia e política, com o mesmo nome criado por O'Neill: Bric. Esse grupo começou a ser formado em 2006, realizou sua primeira reunião de chefes de Estado em 2009 e continuou a ter encontros anuais. Segundo o Ministério de Relações Exteriores, até 2011 ele já realizara 59 encontros diplomáticos para discussão de problemas e interesses comuns.

Como a Índia e o Brasil já haviam criado em anos anteriores outro grupo dessa natureza com a África do Sul, denominado Ibas (sigla em português de Índia, Brasil e África do Sul), o Bric convidou a África do Sul, e esse país passou a integrá-lo em abril de 2011, no terceiro encontro de chefes de Estado, na China. Alterou-se, então, a sigla para Brics, agora com o S (de South Africa, em inglês). O grupo reúne grandes economias continentais até então excluídas das decisões internacionais do G-8 (só a Rússia participa do G-8). Embora não possua uma economia tão significativa, a África do Sul é a maior economia do continente africano, e sua entrada no Bric agrega importância política e econômica à associação.

Segundo o Ministério de Relações Exteriores do Brasil, o grupo é até certo ponto informal: não possui ata de fundação, regimento interno, fundo de recursos, secretariado nem sede. Mesmo assim, os Brics pode ser um importante instrumento para defender interesses específicos dos emergentes em relação ao G-7, integrado pelos países mais ricos do mundo – Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Japão –, criado na década de 1970, após a primeira crise do petróleo. Com a entrada posterior da Rússia, o G-7 passou a ser o G-8. No fim dos anos 1990, foi fundado o G-20, em resposta à necessidade de incluir os principais países emergentes nas discussões referentes às formas de enfrentar as sucessivas crises econômicas que atingem o mercado global periodicamente. Dele fazem parte as 20 maiores economias mundiais, que respondem por 85% das riquezas produzidas no planeta, 80% do comércio global e dois terços da população do mundo.

Os Brics e o G-20 passaram a ter grande importância nas discussões sobre a crise econômica mundial, iniciada em 2008. Em 2011, os Brics defendeu mudanças nas principais organizações multilaterais, como a ONU, o FMI e o Banco Mundial, dando mais peso aos países emergentes nas decisões globais. ☒

Saiu na imprensa

A VEZ DA PERIFERIA

Luciene Antunes

(...) A regra que prevalece desde o final da Segunda Guerra Mundial – um americano no comando do Banco Mundial e um europeu no FMI – foi colocada em xeque. Para os países emergentes, esse é um arranjo que não traduz mais o mundo, um mundo em que a periferia tem mais força a cada dia. Não está claro ainda quem se sentará na cadeira que foi de Strauss-Kahn, mas o certo é que os conceitos de centro e periferia nunca estiveram tão sobrepostos. O último a chancelar essa impressão foi – quanta ironia! – o próprio Banco Mundial. Em seu último relatório anual, batizado de Horizontes para o Desenvolvimento Global, Justin Yifu Lin, o economista-chefe do banco, é categórico ao prever que, em 2025, Brasil, Rússia, Índia, Indonésia, China e Coreia do Sul – os países do Briick, na expressão em inglês – vão responder por mais de 50% do crescimento mundial. Juntos, os emergentes, numa versão estendida da já tradicional sigla Bric, terão o mesmo peso dos países da zona do euro, moeda que, ao lado do iuane, fará frente ao dólar.

Adivinhação? Não exatamente. O que o Banco Mundial faz é apostar na manutenção da tendência atual. Em 1990, os países do Bric respondiam por 6,5% do PIB mundial. Duas décadas depois, com a ajuda do efeito devastador da última crise mundial nos países ricos, o percentual era de 18%.

Revista EXAME, 1/6/2011

Resumo

Brics

SURGE O GRUPO A sigla Bric foi criada em 2001 pelo economista britânico Jim O'Neill e se refere aos quatro mais importantes países emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China. O estudo que cunhou a expressão especula que em 2050 o grupo poderá constituir a maior força econômica mundial, superando a União Europeia.

BRICS Em 2009, Brasil, Rússia, Índia e China formalizaram um grupo diplomático para discussão de iniciativas econômicas e posições políticas conjuntas, que realiza reuniões anuais de seus chefes de Estado. Em 2011, a África do Sul, a maior economia da África, foi convidada e passou a integrar o grupo.

CARACTERÍSTICAS DOS BRICS Os cinco países dos Brics têm características comuns: são países com indústria e economia em expansão, seu mercado interno está crescendo e incluindo milhões de novos consumidores. Dois deles possuem as maiores economias de seu continente: China e África do Sul. Quatro possuem territórios extensos e entre os maiores do mundo: Brasil, Rússia, China e Índia.

PAPÉIS COMPLEMENTARES Também ancoram a economia desses países importantes fatores para o comércio internacional. A Rússia é rica em recursos energéticos e fornece petróleo, gás e carvão à União Europeia. O Brasil é grande exportador de minérios, com a África do Sul, e é o maior exportador mundial de alimentos. China e Índia estão se tornando os maiores fabricantes e exportadores de produtos industriais na globalização.

G-20 Sigla para Grupo dos 20. Ele reúne 20 países desenvolvidos e emergentes que, juntos, respondem por 85% do PIB do planeta, 80% do comércio global e dois terços da população mundial.

G-8 Grupo formado pelos sete países mais ricos (Estados Unidos, Canadá, França, Reino Unido, Alemanha, Itália e Japão) e pela Rússia. O G-8 tem sua relevância reduzida desde a eclosão da crise econômica internacional a partir de 2008, que atingiu seus integrantes com força.